



Jornal Nacional: o discurso da brasilidade projetado na cobertura da Seleção Brasileira de Futebol¹

Bianca Alvin²

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG.

Resumo: O artigo tem como finalidade analisar de que maneira o Jornal Nacional representa a identidade nacional brasileira no discurso veiculado sobre a Seleção Brasileira de Futebol. O trabalho tem como recorte empírico as matérias sobre a Seleção no Jornal Nacional, durante a 7ª e a 8ª rodada das eliminatórias Sul-Americanas da Copa do Mundo de 2010, nas edições entre os dias 02/09/2008 e 11/09/2008. Em termos conceituais, o artigo trabalha com a categoria de identidade como construção narrativa, na acepção que os Estudos Culturais emprestam ao termo; em termos metodológicos, efetiva-se uma análise de conteúdo, a partir da perspectiva de Bardin.

Palavras-Chave: Identidade Nacional; Jornal Nacional; Seleção Brasileira de Futebol; Telejornalismo.

1. Introdução

O futebol constitui um objeto central para a compreensão das discursividades e narrativas que os brasileiros produzem sobre si mesmos. “Ele é muito mais que um simples esporte proporcionando aptidão física a seus praticantes e lazer aos observadores. O futebol é um legado sociocultural brasileiro” (MORATO, 2005, p. 101).

Há algumas décadas, esta dimensão social do futebol é percebida por meio de outra experiência disseminada em todas as camadas sociais do país: o acesso a produtos mediados pela comunicação de massa, sobretudo, pela televisão. Ela é responsável pela transmissão das partidas de futebol e por meio dos telejornais consolida determinadas representações sobre o significado do jogo para a cultura brasileira. O telejornal “é o produto de informação de maior impacto na atualidade. Pelo telejornal, a TV cria e procura dar visibilidade a uma experiência coletiva de nação. É um espaço importante de construção de sentidos do nacional como um ritual diário” (BECKER, 2006, p.67).

O discurso que circula pela mídia é, cada vez mais, uma fonte fundamental para os processos de reconhecimento, adesão e projeção identitária dos sujeitos. Isso se aplica não somente à construção de afinidades clubísticas, mas mesmo à construção de

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e mestranda em Comunicação e Sociedade na Universidade Federal de Juiz de Fora – MG. Bolsista CAPES. E-mail: biaas@terra.com.br.



discursos a atribuir sentidos culturais aos distintos modos pelos quais o futebol é jogado em diferentes países.

Dessa forma, esse artigo tem como finalidade analisar de que maneira o Jornal Nacional (JN) representa a identidade nacional brasileira no discurso veiculado sobre a Seleção Brasileira de Futebol. O trabalho tem como recorte empírico as matérias da Seleção Brasileira de Futebol veiculado no JN, durante as 7ª e 8ª rodada das eliminatórias Sul-Americanas da Copa do Mundo de 2010, realizadas no período de 02/09/2008 a 11/09/2008.

Para análise do material coletado nessas edições, foram utilizados instrumentos metodológicos de análise de conteúdo, a fim de buscar traços recorrentes na cobertura televisiva. Mais especificamente trabalha-se com a análise categorial de Bardin (1977), que “funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos” (BARDIN, 1977, p.153).

No âmbito deste artigo, o critério de categorização foi semântico (relativo a divisões temáticas): procurou-se verificar, nos discursos e imagens veiculadas pelo telejornal, se apareciam palavras ou imagens a reproduzirem as ideias presentes na narrativa majoritária sobre a *brasilidade* (entendida como um discurso constituído por categorias advindas da contribuição de autores que escreveram sobre a identidade nacional brasileira, tais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Raymundo Faoro e Roberto Damatta).

O trabalho utiliza ainda o conceito contemporâneo de identidade, a partir de uma leitura baseada nos Estudos Culturais. Busca-se colocar este referencial teórico em diálogo com outras pesquisas relativas a telejornalismo, mídia esportiva e futebol.

2. O conceito contemporâneo de identidade

O significado do conceito de identidade vem, ao longo de décadas, constituindo um dos debates centrais de variadas disciplinas. Em cada uma dessas áreas do saber, distintas correntes teóricas apresentam diferentes argumentos para explicar o fenômeno identitário.

Neste sentido, dentre as possibilidades de conceituação da identidade – não só das diferentes disciplinas, mas também das diversas e antagônicas tradições nelas presentes -, o presente trabalho apresenta uma leitura baseada na perspectiva dos Estudos Culturais.



Esta corrente baseia-se na visão de que as identidades – inclusive as nacionais – são fenômenos eminentemente simbólicos (o que coloca a linguagem e a comunicação no centro do processo), que emergem das relações sociais da vida cotidiana e das discursividades aí presentes. Rejeitam-se as respostas essencialistas ou naturalizantes.

Noutra perspectiva, aborda-se aqui o fenômeno identitário a partir da chave conceitual de que a realidade é socialmente e historicamente construída e manifesta-se como problema da cultura, não da natureza. Nesse contexto, percebemos que no lugar da rigidez das identidades, cada vez mais se consolida a percepção da fragmentação identitária como marca distintiva da contemporaneidade.

Stuart Hall é um dos autores que escreve sobre o assunto. Segundo ele (2006, p.11) três concepções das relações entre sujeito e identidade emergiram no mundo ocidental nos últimos séculos: o sujeito do Iluminismo (baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo centrado, unificado, no qual o centro essencial do eu era a identidade); o sujeito sociológico, que refletia a complexidade do mundo moderno e da consciência humana, na qual a identidade seria formada na interação entre o eu e a sociedade; e o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa e permanente. Ele assume identidades diferentes em variados momentos, não sendo uma única identidade unificada capaz de defini-lo.

Zygmund Bauman também discute a questão das identidades a partir da perspectiva de que elas não constituem algo sólido (2005, p.17), natural ou imutável. Pelo contrário, são negociáveis e revogáveis. As pessoas, de modo geral, estão expostas a várias comunidades de ideias e princípios. E elas irão ressaltar ou atenuar as suas identidades e diferenças de acordo com a situação em que estão envolvidas.

Para Bauman, a identidade nacional foi construída pelo Estado e suas forças com o objetivo de traçar a fronteira entre *nós* e *eles*, cidadãos nacionais e os estrangeiros. (BAUMAN, 2005, p.29). Hoje, contudo, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, não funcionam.

Na verdade, as identidades estão em movimento. Nessa era de globalização, Bauman (2000, p.35) afirma que o Estado tem perdido o poder de manter uma união sólida e inabalável com a nação. Dessa maneira, as identidades ganham livre curso e cabe ao indivíduo orientá-la.

Porém, como reação à globalização, ressurgem nacionalismos (2005, p.62). Em muitos lugares, renascem tentativas dos Estados de se protegerem contra a globalização. “O que se segue, ao contrário da opinião generalizada, é um renascimento, ou mesmo



vingança póstuma, do nacionalismo” (BAUMAN, 2005, p.66). O discurso da nação, mesmo agora, continua sendo relevante para a compreensão da contemporaneidade – e é fundamental que seja encarado como fenômeno simbólico.

3. Os discursos sobre a identidade nacional e a presença da TV na vida brasileira

Quase todos os pensadores sobre a especificidade da cultura brasileira desenvolveram construções discursivas que enfatizavam significados históricos de nossa diferenciação como nação – e é preciso ter em mente que a história é artefato narrativo, mais do que a verdade objetiva dos fatos. Não por acaso as categorias raciais (mais precisamente o fato de que o Brasil é etnicamente e culturalmente miscigenado) constituíram uma abordagem dominante.

Paradigmática desta abordagem, a análise de Gilberto Freyre destaca a influência que cada povo (índio, negro, português) deixou de herança para a sociedade brasileira, assim como a *mistura* entre eles. Essa miscigenação sugere que, das contradições, antagonismos e diversidades da história brasileira, teria emergido uma cultura una. “Antagonismo de economia e cultura. A cultura européia e a indígena. A européia e a africana. A africana e a indígena. A economia agrária e a pastoril” (FREYRE, 2001, p.125). Esses encontros teriam plasmado algo novo e relativamente uniforme.

Freyre (2001), nas suas abordagens da especificidade brasileira centradas nas categorias raciais, produziu um discurso unificador da *brasilidade* a partir das contribuições herdadas dos grupos que aqui se miscigenaram. Mas mesmo em autores que trabalham com outras categorias não relacionadas à raça, o discurso da suposta unidade da identidade brasileira está presente.

Como no trabalho de Sérgio Buarque de Holanda (1978), que pensava que se “podia resumir o brasileiro com a palavra ‘cordial’. Que ele equacionava com afabilidade, hospitalidade e generosidade” (SKIDMORE, 2001, p. 86).

Percebemos, de maneira geral, que Sérgio Buarque de Holanda apresentou uma descrição da suposta identidade nacional brasileira baseada em fontes literárias e históricas. Assim como ele, o autor Raymundo Faoro também enfatizava as heranças históricas que deixaram marcas na identidade brasileira.

Uma delas seria a sociedade de classes hierarquizada. Segundo Faoro (2001, p.230), a sociedade colonial não era apenas composta do quadro administrativo e do estado-maior, mas se articulava também sobre uma estrutura de classes.



Para o autor, a sociedade brasileira sempre foi marcada por uma sociedade de classe, hierarquizada com um determinado grupo no centro. Na verdade, o que ocorreu, com o passar do tempo, é que o número de classes foi aumentando e as denominações foram mudando. Porém, observamos que esse sistema baseado nas classes sociais, hierarquizado e centralizador, perdura até nos dias de hoje.

Outro autor que escreveu seguindo essa lógica foi Roberto Damatta. “A essência do caráter brasileiro, segundo Damatta, residia nas relações estruturais e em seus valores correspondentes legados pela altamente hierarquizada sociedade portuguesa no início da Idade Moderna e na sua colônia escravagista americana” (SKIDMORE, 2001, p. 89).

Damatta (1986) escreve sobre a identidade brasileira através das manifestações culturais (que incluem objetos como leis, economia, idioma, comida, roupa etc). De maneira geral, ele apresenta a identidade nacional por meio de uma capacidade que ele designa própria do brasileiro, isto é, a aptidão de sintetizar, relacionar e conciliar as coisas criando zonas intermediárias ligadas à alegria, ao futuro e à esperança.

Percebemos assim, por meio dos autores analisados, que os aspectos da identidade nacional brasileira foram construídos discursivamente, ao longo de séculos, na maioria das vezes de maneira essencialista, por estudiosos que levaram em consideração determinados aspectos da múltipla história do país. E que esses discursos, ao produzirem sentidos sobre nação, criaram elos com os quais podemos nos identificar e formam base para a construção de nossa identidade.

Dessa forma, foram construídas categorias sobre os discursos desses autores sobre a identidade brasileira para estudar, por meio da análise de conteúdo do Bardin, se o Jornal Nacional os reproduz (e se faz, com base neles, uma canônica representação da identidade nacional brasileira) nos discursos veiculados sobre a Seleção Brasileira de Futebol.

O presente trabalho procedeu a busca por seis categorias. As três primeiras foram: *Criatividade* (que engloba imaginação, malandragem e jeitinho advindos da suposta malícia do povo brasileiro em contar e reinventar histórias e da arte de sobreviver a situações difíceis, utilizando as relações pessoais); *Hibridismo* (dimensão relativa à mobilidade, miscibilidade e mistura, que estão relacionados com a capacidade de adaptação e ao caráter relacional do brasileiro); *Individualismo* (que perpassa as características da individualidade, cordialidade, alegria prevalência das relações de compadrio e de diferenciação, ou seja, aspectos que envolvem extroversão, emoção e



prevalência dos prestígios pessoais tanto para satisfações próprias quanto para resolver problemas).

Além destas, outras três categorias também foram procuradas no discurso televisivo: *Misticismo* (relacionado com a religiosidade e com a superstição supostamente advindos da mistura das três raças); *Bravura* (que está diretamente ligada ao heroísmo e à primazia das ações pautadas na aventura); *Prevalência da figura de comando* (que diz respeito à hierarquização rígida e ao patriarcalismo da sociedade brasileira).

Sabemos que tanto os discursos quanto as categorias criadas por meio deles têm um viés essencialista. Contudo temos como hipótese de que o JN, na cobertura da Seleção Brasileira de Futebol, representa a identidade nacional brasileira exatamente por meio destes discursos essencialistas e naturalizados, tributários destes textos clássicos sobre a brasilidade que permeiam hoje o senso comum sobre o que signifique ser brasileiro.

Contudo hoje é impossível falar sobre a discursividade que o Brasil reproduz sobre si mesmo sem discutir o veículo de comunicação de maior alcance na vida contemporânea: a TV. Assim a televisão, em especial a aberta, ao veicular matérias sobre o futebol, está contribuindo para a construção da identidade brasileira. Conforme Wolton (1996), a televisão brasileira é assistida por todos os meios sociais e a diversidade de seus programas constitui um poderoso fator de integração social, e assim contribui para valorizar a identidade nacional.

Dentro deste contexto, enfatizamos a importância do telejornalismo: “[...] o telejornalismo, na tv aberta, funciona como experiência única, cotidiana e coletiva, de representação e construção da realidade, refletindo e interferindo na expressão da(s) identidade (s) nacional (is)”. (BECKER, 2006, p.67).

Assim é importante destacar as especificidades do telejornalismo. Na narrativa deste meio, conforme Mota (2006, p.132), o plano de expressão é constituído de duas formas de representação: a imagética e a verbal. “Na estrutura visual as imagens seguem uma sintaxe própria, marcada por planos gerais, médios e por closes, que têm a função de contextualizar as ações narradas” (MOTA, 2006, p.132).

Além disso, é importante, em se tratando de televisão, considerar outros elementos: “No caso da televisão, e do telejornalismo, seria importante observar os textos e construções narrativas presentes também nas imagens exibidas, nas falas de



repórteres e entrevistados, nas músicas e nos encadeamentos de todos esses elementos por meio da edição” (COUTINHO, 2006, p.102).

No telejornalismo, algumas matérias têm suas especificidades. Em relação às matérias esportivas, por exemplo, é necessário destacar que essas possuem suas características próprias, como abordagem mais criativa, detalhes e aprofundamento das informações. O telejornalismo esportivo conta com diversos recursos para atrair o público: “A emoção é a própria alma do esporte. Ela está nos olhos do jogador que faz o gol do título, na decepção da derrota, nas piscinas, quadra e pistas. Em nenhuma outra área do jornalismo a informação e o entretenimento estão tão próximos” (BARBEIRO, 2006, p.45).

Tendo como pano de fundo estas especificidades da cobertura jornalística dos esportes – com ênfase na cobertura televisiva do futebol – depreende-se quais são as conexões entre os diversos debates que permeiam este trabalho: num contexto em que o futebol faz parte da cultura popular brasileira e em que a televisão tem um alcance social inigualável, os discursos que a TV veicula sobre a seleção brasileira constituem elementos que consolidam, entre milhões de pessoas, uma determinada visão sobre quais seriam as qualidades e os defeitos típicos dos brasileiros. O JN vocaliza esses discursos tradicionais sobre a *brasilidade*?

4. A Seleção Brasileira de Futebol como materialização da identidade nacional, segundo o JN

O período analisado (02/09/2008 a 11/09/2008) corresponde às 7ª e 8ª rodadas das eliminatórias Sul-Americanas da Copa do Mundo de 2010: os jogos entre o Brasil e Chile, em Santiago, no qual o time brasileiro venceu por 3 a 0; e entre o Brasil e a Bolívia, no Rio de Janeiro, que terminou empatado. A posição na tabela alternou entre o 5º lugar (7ª rodada) e a vice-liderança (8ª rodada).

No Jornal Nacional, durante este período, houve dez matérias sobre a Seleção Brasileira de Futebol, sendo que seis podem ser consideradas matérias positivas, uma negativa, três neutras (sendo que uma delas mesclava o viés positivo com o negativo).

As matérias positivas disseram respeito às vitórias, às atuações de determinados jogadores e a abordagens de incentivo à Seleção Brasileira. Já as negativas expressaram críticas à má atuação do time brasileiro no empate contra a Bolívia. As neutras, por sua vez, estavam relacionadas à estádios e à notícia de outra seleção. E a matéria que

apresentava viés positivo/negativo fazia referência a duas seleções: a Brasileira e a Chilena.

Dessa forma, houve uma transcrição das matérias, para depois realizar a análise de conteúdo destas. Para a análise de conteúdo categorial, o texto transcrito foi recortado em unidades comparáveis, no caso, a frase. E depois cada frase foi analisada e classificada nas categorias criadas e já descritas anteriormente. Na verdade,

É fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados. Esse é o procedimento por “caixas” de que já falamos, aplicável no caso da organização do material decorrer diretamente dos funcionamentos teóricos hipotéticos. (BARDIN, 1977, p.119).

Neste aspecto, conseguimos observar que cerca de 62 itens (49%) de texto se encaixavam em algumas das categorias propostas. E que os restantes 51% faziam referência, na maioria das vezes, a nomes de jogadores escalados para um determinado jogo, contusão e viagens da equipe brasileira, dados estáticos e situação dos estádios que sediaram os jogos das eliminatórias – ou seja, elementos meramente factuais.

Esse dado é muito significativo: toda vez que abordava temas generalistas, não relacionados a um dado factual ou contextualizador, o JN utilizava em grande parte o discurso mítico sobre a *brasilidade*. E isso pode interferir diretamente no discurso que os brasileiros fazem de si próprios, pois, conforme Porcello (2006, p.15), os telejornais funcionam como experiência única de representação e construção da realidade, refletindo a expressão das identidades.

Deste universo correspondente às matérias associáveis ao tema identidade nacional brasileira, a maioria, 37,09%, estavam dentro da categoria de prevalência da figura de comando. As partes correspondem, sobretudo, ao discurso do e/ou sobre o técnico da seleção, Dunga, que assume uma posição rígida de líder e de patriarca na Seleção. Exemplo disso se manifestou na sonora de Dunga, no JN do dia 11/09/2008: “Quando a gente não joga bem, não tem o que reclamar”.

Temas como a hierarquização e patriarcalismo (categorias abordadas por Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro) se manifestaram, subtextualmente, nas tentativas do JN em aproximar o discurso da Seleção Brasileira com a ideia da família brasileira centrada na figura do patriarca. Houve até a participação do cantor Dudu Nobre cantando junto com o atacante da seleção Diego a música “Essa família é muito

unida e também muito ouriçada. Briga por qualquer razão, mas acaba pedindo perdão [...]” (JORNAL NACIONAL, 04/09/2009).

Outra categoria expressiva foi a de individualismo, que englobou 29,04% (18 vezes) das citações. Dentro desta categoria a menção à individualidade (nove vezes) foi a mais expressiva. Isto é, a ênfase em ações isoladas, de prestígio e satisfações próprias, que para Sérgio Buarque de Holanda também seria uma característica do brasileiro. No JN isso fica evidente principalmente nos discursos sobre alguns jogadores, tidos como craques, como Robinho e Luís Fabiano. Isso ficou explicitado em um dos *offs* da matéria do dia 05/09/2009: “Com direito a um show *solo* de Robinho na copa América”.

Um outro aspecto a ser destacado na individualidade foi a alegria (quatro vezes), que apareceu como uma das principais características do brasileiro e do seu futebol. Ela aparecia enfatizada até mesmo quando o time não tinha um bom desempenho, ou seja, falava-se de sua ausência como um indício de afastamento da tradição brasileira. “Time apático, sofrendo com a marcação, os cariocas não perdoaram a má atuação” (JORNAL NACIONAL, 11/09/2008).

Ainda sobre a individualidade se observou no discurso do JN a evidência da prevalência das relações inigualitárias e de diferenciação (quatro vezes), que segundo Damatta estão relacionadas com o aspecto de o brasileiro tentar resolver os problemas por meio da afirmação da autoridade, algo que se expressa na frase “Você sabe com quem está falando?”. Isto ficou explícito na matéria da edição do dia 08/09/2008, quando o atacante Robinho respondeu à provocação de um jornal chileno, após a partida em que o Brasil ganhou do Chile por 3 a 0. “É preciso respeitar o melhor futebol do mundo” (JORNAL NACIONAL, 08/09/2008). Em relação à cordialidade, que também está dentro da individualidade, só teve apenas uma aparição, no momento de visita do jogador Ronaldo Fenômeno a concentração da Seleção.

Uma categoria também presente na cobertura do JN foi a bravura (14,28%) nos aspectos referentes ao heroísmo e à aventura. Estas características se fizeram presentes, na maioria das vezes, como no discurso da capacidade dos jogadores brasileiros em expressar raça em situações de dificuldade. Como podemos perceber no *off* sobre a atuação do Luiz Fabiano, na matéria do dia 08/09/2008: “[...] mostrou raça e acima de tudo a convicção de que a camisa 9 é agora dele”.

A categoria do misticismo apareceu em 8,07% das matérias, principalmente nos discursos sobre a superstição e os tabus do futebol. Isso reforça um típico discurso sobre a religiosidade brasileira e referenda a presença desta tendência no futebol: como

sustenta Jocimar Daolio (2005), “desde seus primórdios no Brasil, o futebol esteve associado a manifestações de cunho supersticioso” (p.6).

Já as categorias criatividade e hibridismo apareceram com a mesma porcentagem: 4,84%. A primeira corresponde à imaginação/malícia em inventar; ao jeitinho, que conforme Damatta, é o modo pacífico de resolver os problemas por meio das relações pessoais – já a malandragem é a *profissionalização* do jeitinho. Na cobertura, tais aspectos apareceram, por exemplo, no discurso do JN sobre o drible inventado pelo atacante Robinho.

Na última vez que a Seleção jogou no Rio de Janeiro, ele aplicou um drible que ele próprio considera o mais bonito da sua carreira. Até porque foi na seleção, muita gente me perguntou se o drible foi sem querer, se eu consegui acertar ou não. Mas não foi sem querer não. (JORNAL NACIONAL, 09/10/2008).

A categoria de hibridismo também foi apresentada em matérias como um diferencial do brasileiro. No caso, a Seleção Brasileira aparecia como resultado da mistura com os outros povos. Um lugar onde seria possível existir o *mito da democracia racial*. Contudo a grande ênfase foi reflexo da narrativa sobre a capacidade de adaptação do brasileiro. “Essa mudança na tabela tem haver também com a mudança do comportamento do time em campo” (JORNAL NACIONAL, 08/09/2008).

Um fator importante observado durante a análise foi que mesmo quando se criticava a Seleção Brasileira de Futebol, o que na verdade se fazia era um apontamento da falta das características tipicamente brasileiras no jogo da seleção, sobretudo, as dimensões relacionadas à bravura e alegria. Por exemplo, quando se criticava a falta de heroísmo e de raça dos jogadores brasileiros para saírem de uma situação difícil, no jogo contra a Bolívia (11/09/2008): “E pior aos 8 minutos do 2º tempo, Garcia foi expulso, nem assim o Brasil conseguiu fazer gol na seleção lanterna da competição”.

Além disso, há momentos em que era explicitada diretamente essa relação da Seleção Brasileira enquanto metáfora do Brasil. “Vale o resgate da imagem de um futebol que sempre foi orgulho de todos nós” (JORNAL NACIONAL, 06/09/2008). Em outros momentos a Seleção Brasileira é tratada como o próprio Brasil, enquanto nação. “[...] o Brasil precisa ser respeitado” (JORNAL NACIONAL, 06/09/2008).

Nas imagens também podemos observar essa relação da Seleção Brasileira com a narrativa mítica do Brasil. Principalmente na editoria de esporte, as imagens ganham uma maior relevância. “Com o esporte, o apelo das imagens tem uma importância



redimensionada no noticiário e, não raro, elas são notícias em si: o registro do gol, da falta, da bela jogada” (SHUEN, 2006, p.04).

Sobre as imagens nas matérias da Seleção Brasileira de Futebol no JN, a maioria (77%) se encaixava em uma das categorias. Dessa forma, observamos que cerca de 45,45% das imagens estavam na categoria do individualismo e pautadas, sobretudo, na alegria dos jogadores e da forma de jogar tipicamente brasileira. Nesse sentido, nota-se a ênfase dessas imagens nos atacantes, principalmente em Robinho (sempre mostrado como jogador brincalhão, malandro, sorridente). As suas imagens nos treinos sempre mostravam-no fazendo firulas. Uma outra característica importante nesta categoria é que as imagens focavam a bola nos pés dos jogadores e nos sorrisos deles.

Outra categoria presente foi a prevalência da figura de comando (18,18%), centrada nas imagens do técnico Dunga em posições de ordem (hierarquização) e na representação da família, como, por exemplo, jogadores unidos de mãos dadas. Sobre essas duas características é importante destacar que elas modificam de posição em relação ao texto (1ª Prevalência da figura de Comando / 2º Individualismo).

Ou seja, embora os textos apresentassem essas características de comando e família centrados na figura do técnico, as imagens eram em sua maioria de alegria, do jeito alegre do futebol brasileiro, nos treinos e nos jogos. Aparentemente um paradoxo: mas uma das dimensões a definir o discurso canônico sobre a brasilidade é exatamente o de que a dimensão relacional do brasileiro, descrita por Damatta, permitira a ele encontrar o meio termo.

A característica de hibridismo apareceu em 13,64% das imagens, em torno da ideia de ginga do brasileiro (a reverberar o *mito da democracia racial*). Com a mesma porcentagem, 13,64%, apareceu a categoria criatividade. As imagens eram em grande parte do drible que Robinho criou em 2007, o *vai pra lá que eu vou pra cá*. Ressaltavam a capacidade e malícia do jogador em criar novas jogadas e surpreender o adversário.

Já a bravura (09,09%) apareceu em imagens de arrancadas, do esforço dos jogadores nos treinos e nos jogos, dialogando com o discurso de aventura e heroísmo (a partir da ideia de que estavam *honrando a camisa*).

Um outro aspecto que ainda merece ser destacado em relação as imagens é que na matéria negativa sobre a Seleção Brasileira, o JN priorizou as imagens de Dunga, aflito, gritando, dando ordens. Isso também refletia o momento vivido neste jogo (Brasil 0 x 0 Bolívia), em que a torcida vaiava e pedia a saída do técnico. “Adeus Dunga! Adeus Dunga!” (JORNA NACIONAL, 11/09/2008).



A emoção e a manifestação dos torcedores no hino nacional assim como durante os jogos eram sempre destacadas nas matérias, muitas vezes com sobe som. Todas essas características seguiram uma estrutura própria. As matérias apareceram em sua maioria no último bloco. Além disso, elas seguiram os aspectos verbais e imagéticos descritos anteriormente.

Mas a principal característica foi a tentativa de diálogo com o telespectador, chamando para torcer junto. Nesse aspecto o jornalista se inclui na matéria. “Vale o resgate da imagem de um futebol que sempre foi o orgulho de todos nós. Mas será que este grupo tem a exata noção do que isso significa?” (JORNAL NACIONAL, 06/09/2008).

A seguir, montamos tabelas sumárias dos dados discutidos ao longo do texto sobre as partes textuais e imagéticas do JN que se enquadram nas categorias da *brasiliade*, a fim de facilitar a sua visualização.

Tabela representativa do aspecto textual

	02/09	03/09	03/09	04/09	05/09	06/09	08/09	09/09	10/09	11/09	Total	Porcentagem em relação ao total
Critiividade						1	1	1			3	4,84%
Hibridismo							3				3	4,84%
Individualismo		5			1	3	5	3		1	18	29,04%
Mitiscismo	1			3	1						5	8,07%
Bravura		2		1	1	1	2	1		2	10	16,12%
Prevalência da figura de comando		2		8	1	2	4	3	1	2	23	37,09%
Total	1	9	0	12	4	7	15	8	1	5	62	100%



Tabela representativa do aspecto imagético

	02/09	03/09	03/09	04/09	05/09	06/09	08/09	09/09	10/09	11/09	Total	Porcentagem em relação ao total
Criatividade		2						1			3	13,64%
Hibridismo					1		1	1			3	13,64%
Individualismo		1		1	1	1	3	3			10	45,45%
Mitiscismo											0	0
Bravura		1					1				2	09,09%
Prevalência da figura de comando				1				1		2	4	18,18%
Total	0	4	0	2	2	1	5	6	0	2	22	100%

5. Considerações finais

Percebe-se, de maneira geral, que os traços narrativos da *brasilidade*, de acordo com os autores estudados, manifestam-se no discurso do Jornal Nacional veiculado sobre a Seleção Brasileira de Futebol, que passa a ser tratada como a *metáfora* e a materialização do suposto espírito essencial brasileiro, tratado de forma naturalizada e não como mera construção simbólica.

Dessa maneira, o discurso do brasileiro advindo das mistura das três raças, malandro, malicioso, cordial, alegre, místico, herói, que utiliza as relações de compadrio e de diferenciação numa estrutura hierarquizada de uma família patriarcal projeta-se nas narrativas sobre o modo do brasileiro jogar. Ou seja, a habilidade e a criatividade supostamente naturais do brasileiro se manifestariam no *futebol arte*, que até hoje é visto como ponto de superioridade futebolística e de nação.

Talvez seja por isso que os craques brasileiros preferidos tendem a combinar essas características: habilidade, astúcia, improvisação e criatividade. E “palavras como ‘malandragem’ e ‘ginga’ funcionam como aglutinadores de seus significados” (SOARES e LOVISOLO, 2003, p.02).



Assim a narrativa construída sobre a seleção como a *Pátria de Chuteiras* talvez ainda seja, mais do que em qualquer outro objeto de análise, o lugar onde o Brasil ainda corporifica a visão essencialista dos sentidos socialmente atribuídos à brasilidade.

Essa narrativa telejornalística do JN, em tese, junto com os discursos de uma identidade nacional mítica, contribui para garantir a adesão do telespectador e até mesmo a convertê-lo em torcedor. “A seleção brasileira tornou-se em menos de um século de existência uma referência do Brasil não só para os cidadãos apaixonados por futebol, mas para a própria identificação da imagem da nação no exterior” (HELAL, CABO e SILVA, 2008, p.11).

Dessa forma, é importante ressaltar que essa narrativa que relaciona futebol e identidade brasileira faz parte de uma construção. Mas embora tenha sido *inventada*, ela produz efeitos como se *real* fosse, à medida que parece *real* para milhões de brasileiros.

Referências Bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto, RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Portugal/Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt.. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Florianópolis: IISBPJOR, 2005.

BECKER, Beatriz. 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p.65-97.

COUTINHO, Iluska. 5Telejornal e narrativa dramática: um olhar sobre a estrutura da informação em TV. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p. 99-124.

_____. **Dramaturgia do telejornalismo brasileiro: a estrutura narrativa das notícias em TV**. Tese de Doutorado, São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2003.

DAMATA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

_____. **Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FAORO, Raymundo. **Os donos do poder**- formação do patrono político brasileiro. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1957. Vol. 1. 10ªed.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. São Paulo: Editora Record, 2001, 42ª ed.



HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed.;
Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HELAL, Ronaldo, CABO, Álvaro do, SILVA, Carmelo. Pra frente Brasil! Comunicação e Identidade Brasileira em Copas do Mundo. In: XXXI CONGRESSO BRASILEIRO de CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2008, Natal. **Anais...** Natal: Intercom. (CD'rom).

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympo, 1978.

MOTA, Célia Ladeira. O gesto e a palavra: representações sobre cidadania no telejornal. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p. 125-143.

MORATO, Márcio Pereira. A dinâmica da rivalidade entre pontepreteanos e bugrinos. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, Cultura e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

PORCELLO, Flávio A.C.. Introdução. In: EURICO, Alfredo, ANTÔNIO, Flávio, LADEIRA, Célia (Org.). **Telejornalismo A nova praça pública**. Florianópolis: Insular. 2006. p. 13-17..

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SHUEN, Li-Chang. Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento. In: IV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 2006, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: SBJOR e UFRS. (CD'Rom).

SKIDMORE, Thomas E. **O Brasil visto de fora**. São Paulo: Editora Paz e Terra S.A, 1994, 2ªed.

SOARES, Antônio Jorge, LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: **Revista Brasileira em Ciências do Esporte**. Campinas, V.25, n1, p.129-143, set.2003.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público – uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Editora Ática, 1996.